

# **Imaginário político e amoroso de jovens na contemporaneidade: marcos e tramas de um território**

The imaginaries of politics and love of contemporary young people: signs and textures of a territory

Luciana Castelan Bastian\*  
Marilene Alencastro da Silva\*\*

**RESUMO:** Tecendo reflexões sobre o universo das sensibilidades e percepções de jovens contemporâneos representado por seu imaginário amoroso e político e, sob o olhar da História Política do Presente procuramos, nesta pesquisa, refletir acerca dos lugares e significados que os jovens atribuem à vida amorosa e à vida política em suas dimensões, privada e pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário. Jovens. Amor. Política.

**ABSTRACT:** This article reflects upon the universe of sensibilities and perceptions of contemporary young people represented by their imaginaries of politics and love. From a perspective of Current Political History we intend to reflect about the places and meanings that young people attribute to love and political life in their private and public dimensions.

**KEYWORDS:** Imaginary. Young people. Love. Political.

## **1 Introdução**

Pode uma pesquisa converter-se em um meio de expressão de seus objetos? Ou apenas possibilita a expressão das preocupações de seus articuladores? Com o intuito de conciliar o desejo de compreender uma realidade da contemporaneidade que pode, mesmo, ser pensada como um mito - a juventude, e o desejo de refletir sobre o modo próprio como os jovens, se expressam, vivem e pensam a respeito de seu lugar e de seu tempo, é que desenvolvemos esta pesquisa. Este estudo atende a dois projetos, que, por terem em comum o tema juventude, possibilitaram uma parceria de estudos que se desdobrou na análise dos imaginários político e amoroso de jovens.

Ao que parece, nunca foi tão explicitada, como em nossa época, a possibilidade de inventar-se. A todo o momento, a mídia parece transmitir-nos a idéia de que tudo é possível. Sentimos soprar ventos em muitas direções. E nos perguntamos: estão os jovens buscando novas maneiras de estar no mundo? Partilham eles coisas em comum que possam caracterizar marcas e expressões que lhes sejam próprias?

---

\* Psicóloga, Especialista em terapia de casal e família, mestranda em Educação e Cultura UDESC. E-mail: lucianab@fastlane.com.br

\*\* Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, mestre em Educação e Cultura UDESC. roca@repórter.com.br

Por um instante a letra que toca no rádio do carro chama atenção:

O que eles falam sobre os jovens não é sério / o jovem no Brasil não é levado a sério / sempre quis falar nunca tive chance tudo que eu queria estava fora do meu alcance/ Sim, já faz um tempo/ mas eu gosto de lembrar /cada um, cada um, cada lugar, um lugar /Eu sei como é difícil / é difícil acreditar / mas essa porra um dia vai mudar / se não mudar prá onde vou... (...) Revolução na sua mente / você pode você faz (...)É o sistema que tem que mudar / Não se pode parar de lutar, se não ,não muda.../ A juventude tem que estar afim, tem que se unir / O abuso do trabalho infantil e a ignorância / Só faz destruir a esperança / Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é serio /Deixa ele viver! É o que liga...  
( Música: Não é sério - CHARLIE BROWN JUNIOR)

Inspiradas por esta provocação com sentido de afirmação e também de denúncia, iniciamos a conversa: Como os jovens se colocam na contemporaneidade? Como imaginam e fazem sua inserção em seu meio cultural? O que pensam sobre o exercício da vida pública e das relações políticas? Como vivem e expressam seus relacionamentos afetivos e qual o sentido que conferem à intimidade?

## **2 A perspectiva teórica da pesquisa**

Como temas que não se encerram e estão sempre abertos para novos olhares, falar de amor e de política pode ser um convite para pensarmos em como homens e mulheres tem construído formas de convívio na intimidade e em coletividade. Discursos amorosos, discursos políticos. Podemos acompanhar, em diferentes temporalidades, muitas versões para o que chamamos de amor e política. Eis, então, nossa motivação de pesquisadoras: buscar conhecer o que os jovens de nosso tempo vivenciam, experimentam como amor e política.

Num esforço para focalizar de modo um pouco mais nítido, entendemos imaginário como o conjunto de representações no qual uma coletividade se reconhece, produz significados criados socialmente que justificam e explicam ações, sentimentos e pensamentos construídos num determinado contexto social. (BACZKO, 1985; CASTORIADIS, 1982) Buscar conhecer o imaginário de um grupo viabiliza a compreensão de como este grupo constrói visões de mundo que podem ser a base de condutas e estilos de vida.

Pertencentes a uma época compreendida como tempo de iniciações, em que as primeiras experiências amorosas e políticas se forjam num amálgama formado por um imaginário, ao mesmo tempo, herdado e instituído e um imaginário constantemente construído e resignificado, os jovens, talvez, possam nos ajudar a compreender de que forma um passado recente de transformações e mudanças histórico-sociais imprimiu em uma geração novas questões, novos anseios na contemporaneidade.

É preciso destacar que os imaginários coexistem, superpõem-se ou excluem-se enquanto forças constituidoras e reguladoras do cotidiano. Percebemos que, como fenômeno social, o imaginário pode nos revelar “imagens” ligadas por um fio comum que acrescentarão sentido e significado simbólico às mais variadas ações. “Não podemos compreender uma sociedade sem um fator unificante, que fornece um conteúdo significado e o entrelace com as estruturas simbólicas” (CASTORIADIS,1982, p. 192). Historicamente, podemos observar como cada geração traz consigo uma certa definição de homem, ao mesmo tempo, descritiva e narrativa, como também, se provê, a partir dela, de uma determinada idéia de imaginação, daquilo que ela é ou daquilo que deveria ser, “com efeito, todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar.” (CASTORIADIS,1982, p. 192) .

Neste sentido, o imaginário torna-se compreensível e objeto de comunicação social, através da produção dos discursos, nos quais e pelos quais se dá a reunião das representações coletivas numa linguagem.(BACZKO,1985,p.309)

Por outro lado, há que se considerar o fato de que a juventude tem sido retratada de modo variável, conforme a época e o meio social. Em nossa atualidade, podemos falar em juventude como etapa da vida, que se faz representar em diferentes grupos étnicos, religiosos, econômicos etc., e cujos protagonistas fazem parte de uma coletividade que vivencia distintas formas de sociabilidade. Assim, tanto aqueles que ainda não chegaram nesta fase, como aqueles que já a ultrapassaram, também elaboram e re-significam imagens sobre a mesma.

A partir de tais concepções, procuramos detectar novos ruídos, novas sensibilidades, novas formas de afetividade e de sociabilidade e dar visibilidade a um universo específico. É preciso que se compreenda que estes novos ruídos e novas sensibilidades são, muitas vezes, quase imperceptíveis, sobretudo se forem observados por olhares que buscam aquilo que sempre foi. Queremos abrir nosso olhar para aquilo que está apenas se esboçando na atualidade de modo incerto e indeterminado, mas que já aponta para algo que pode vir a ser.

Em nossa trajetória da pesquisa, reunimos nossas inquietações sobre dois temas que muitas vezes, via senso comum, estariam separados. Alguém neste momento poderia nos perguntar: o que amor tem haver com política e vice-versa? O que sentimentos íntimos tem haver com ações públicas? Será que uma história dos sentimentos pode fazer interface com a história política? Se pudermos fazer ponte entre amor e política como dimensões diferenciadas e complementares de relações de poder, como espaços para pensarmos as diferenças e a alteridade, então amor e política podem ser compreendidos como indissociáveis. Por este território, definem-se nossas hipóteses que acabam servindo para construirmos nossa própria ordem simbólica em nosso cotidiano. Ademais, trazer estes temas para o universo jovem criou uma possibilidade para

pensarmos como podem ser tecidas as imagens de um passado observado e relatado, e um futuro desejado e projetado, abrindo espaço para que os jovens do presente possam pensar sobre o que querem manter e o que querem romper destes imaginários em seus projetos de vida.

### **3 O universo estudado e o rosto de seus protagonistas**

Queríamos uma amostra de jovens que ainda estivesse no segundo grau, pois acreditávamos que esta faixa etária, que se encontra entre 14 e 24 anos, atenderia nossos propósitos de investigar a geração por nós escolhida. Distribuimos nosso estudo em cinco escolas, duas públicas e três particulares, da região central de Florianópolis, buscando atingir jovens da zona urbana da capital. Participaram voluntariamente deste estudo 130 jovens e a amostra ficou distribuída equitativamente em relação ao sexo.

Procuramos contemplar realidades distintas ao selecionarmos escolas que atendem alunos de níveis sócio-econômicos diferentes. O levantamento de dados foi realizado através do preenchimento de questionário aberto, composto por nove eixos norteadores que englobaram os temas: Família, Política, Amizade, Amor/Sexo, Trabalho, Educação, Lazer, Drogas, Violência e Cotidiano. Estes se subdividiram em 40 questões em torno de representações das relações amorosas abordando temas como: amor, namoro, “ficar”, casamento, divórcio, traição, romantismo, sexualidade, relações de gênero e novas possibilidades de parcerias amorosas; e representações sobre as relações políticas, abordando temas como: rebeldias, resistências, conformismos, ética, amizade, violência, meio ambiente e novas possibilidades de se fazer política. Temos, como objetivo central desta pesquisa, identificar e refletir possíveis permanências e rupturas deste imaginário, procurando mapear as subjetividades destes jovens sob um olhar histórico, político e cultural.

A aplicação e análise do questionário foram efetuadas de março a maio de 2002. Priorizamos o enfoque qualitativo, levantando, através da amostragem, especificidades, tendências, diferenças e opiniões, iluminando, desta forma, singularidades como, também, pontos em comum. Escolhemos como desafio neste estudo contrapor-nos às taxionomias que parecem sacralizar, cristalizar, por exemplo, grupos sociais, padrões escolares, faixas etárias. Nossa análise inscreve-se num território simbólico que compreende a juventude como um lugar em que seus pares se reconhecem, se identificam, sendo tais processos (reconhecimento e identificação) fatores que ligam e aproximam a escola pública e a escola privada, ou os jovens de catorze a vinte e quatro anos, uma vez que revelam simetrias na roupa, no vocabulário, nos interesses, nos compromissos políticos, sociais ou afetivos. Assim como jornais e revistas, poesias e músicas podem ser estudados por uma via não quantificada, do mesmo modo, registros escritos em

questionários preenchidos pelos próprios depoentes podem transformar-se em veículos e registros cujas análises remetem a um universo que lhes transcende em termos numéricos. Ou seja, no universo recortado, há uma realidade que lhe ultrapassa, sendo expressão de uma realidade maior e mais abrangente. Nesta apresentação, enfocaremos nossa análise em algumas representações: dentro das relações amorosas discutiremos a representação sobre a experiência do “ficar” e dentro das relações políticas discutiremos as representações sobre as noções de rebeldia e conformismo. Os nomes dos pesquisados citados são fictícios porém a idade, corresponde à amostra.

#### **4 Ficar e partir: não mais e ainda, as novas suavidades amorosas**

Que leituras podemos fazer do encontro amoroso neste início de século XXI? Como os jovens têm representado e vivenciado sua afetividade? De que forma os jovens estão vivendo e expressando suas descobertas amorosas? Como se aproximam sexualmente? Como definem o “estar juntos” desta época?

Há muito, imaginário e mitologia vem mantendo um diálogo definidor para as vivências do amor. Viajando pela mitologia, encontramos Ulisses e Penélope vivendo um encontro amoroso ainda significativo para nós. Ulisses parte para a aventura em uma grande viagem. Ao afastar-se, mantém a espera de Penélope que alimenta seu desejo de reencontrá-lo. Todas as noites, ela desfaz o tecido que vinha tecendo durante o dia. Este tecido consiste na própria representação simbólica de seu amor por Ulisses. Ela faz e refaz, tece e desmancha para manter a imagem desse amor. A espera e falta de Ulisses alimenta seu desejo de retê-lo. Penélope teme se desagregar de tanto que Ulisses lhe faz falta. Então o acusa: você me destrói com sua vontade de ausência.

Ulisses não tece, ele viaja. Ulisses tenta se apossar de cada aventura. Ele teme o excesso de presença do outro, teme o excesso de presença de Penélope. O lamento de Penélope alimenta sua vontade de partir. Ulisses teme ser devorado por Penélope. Então a acusa: você me destrói com sua carência, vontade de presença. Da eterna fuga e do eterno retorno eles se alimentam. Os dois precisam tanto do abandono quanto do “grude”, neste pacto simbiótico. Nas palavras de Guatarri em *Cartografias do Desejo*: distantes de uma Penélope que só ficava e de um Ulisses que só partia, em nossos dias “Penélope e Ulisses somos todos nós - em diferentes matizes, a cada momento. Além disso, não é sempre o mesmo Ulisses que Penélope espera voltar; não é sempre a mesma Penélope que Ulisses abandona ao partir - eles variam, e cada vez mais.”. Todos os dias, parecemos querer ficar e também partir. Eis o paradoxo de nosso tempo.

Transitando por amores reais e virtuais, vivemos dias plenos de vivências herdeiras da revolução de costumes iniciada na metade do século XX. Revolução que tem deixado marcas no modo como concebemos o amor. Nossos jovens, hoje, têm uma forma muito própria de nomear a

atual aproximação entre os sexos: o “ficar” tem revelado mais um estado intenso e fulgaz de aproximação do que uma condição mais regular e estável. Em tempos velozes de flexibilização dos limites sociais e culturais, o “ficar” tem sido experienciado pelos jovens contemporâneos como um dos símbolos da ainda recente revolução sexual da sociedade ocidental, cujos interlocutores mais representativos foram os jovens dos anos de 1960.

Os novos códigos de conduta em relação ao sexo abreviaram e questionaram a espera pelo momento e lócus reconhecido socialmente para o início da sexualidade: o casamento. Com a crescente liberação sexual e o movimento feminista, a geração do “paz e amor” viu no advento da anticoncepção o passaporte para a desvinculação entre sexo e procriação. Na tentativa de combater toda forma considerada opressiva de relacionamento, na defesa de valores igualitários, o “amor livre” foi defendido e buscado na luta pela quebra de tabus, dentre eles, a visão do casamento legal e indissolúvel como única forma reconhecida de institucionalizar as relações afetivo-sexuais. Com a difusão da anticoncepção e das bandeiras libertárias e contestatórias, pelo breve tempo de uma década, o sexo saiu das muralhas do casamento para passear pelos jardins das “aventuras amorosas”.

Não sem resistências, o modelo de família conjugal tradicional viu lentamente alguns de seus pilares estremecerem, como a virgindade antes do casamento e a rígida divisão hierarquizada de funções entre os gêneros, representada principalmente pela contestação da dicotomia entre papéis públicos (masculinos) e privados (femininos). Segundo Vaistman (1994) a manutenção do casamento e, conseqüentemente, a da família, passa a ser subordinada à satisfação emocional, princípio que passou a nortear comportamentos e a orientar a recusa de relações íntimas percebidas como insatisfatórias. As relações afetivas passaram cada vez mais a serem consideradas assuntos privados, pertencentes à esfera íntima, menos reguladas por ingerências familiares e sociais. De acordo com Prost (1992, p. 61): “de certa forma, a vida privada se desdobra; no interior da vida privada da família surge agora uma vida privada individual.”.

Temos assistido as gerações pós os anos de 1960 realizarem pequenas e constantes redefinições nas relações amorosas. Expansão do divórcio, famílias uniparentais, recasamentos, casamentos em casas separadas, “morar junto” caracterizando as uniões informais, quebra do vínculo direto entre namoro e casamento. Novas vivências apontam para novos valores nas relações amorosas, no casamento e na família como a heterogeneidade, a flexibilidade, a pluralidade, a instabilidade e a incerteza. E, como exemplo destes novos arranjos, “o ficar” pode ser representativo desta aproximação mais livre entre os sexos. Chaves localiza na década de 1980 o início deste novo código de relacionamento, principalmente entre os jovens. (CHAVES, 2001, p. 93)

Em nossa pesquisa procuramos conhecer quais representações construídas sobre esta prática afetiva a que os próprios protagonistas chamam “ficar”. Entre definições e impressões, pudemos perceber que se trata de uma vivência comum, reconhecida e aceita na realidade de nossa amostra. Entre várias tentativas propostas por eles de dar definições selecionamos algumas:

*- relação rápida que dura alguns dias normalmente com pessoas que você não conhece bem (Beatriz, 14); - é curtir e conhecer uma pessoa (Lígia, 14); - é namorar sem compromisso (Sandra, 15); - ato de conhecer alguém (Cláudio, 17); - é estar junto com outra pessoa (Rodrigo, 17); - é você estar com alguém sem compromisso algum (João, 14); - é conhecer pessoas diferentes, trocando carícias (Letícia, 18); - é o começo de uma forma de experiência, é como um pré-vestibular (Bruno, 14); - beijar, acariciar, conversar, fim e nunca mais (Paulo, 17); - é a melhor coisa que tem para conhecer melhor as pessoas (Ana Paula, 16).*

Identificado por grande número de respostas como uma maneira de conhecer pessoas, o “ficar” parece ter se tornado uma forma específica de comunicação afetivo-sexual, por se caracterizar por contato corporal e cultural momentâneo. Noções como descompromisso, liberdade e momento fazem parte de sua definição. Curiosamente, em contraposição ao sentido já convencionalizado pelo próprio verbo, temos a impressão de que, neste ficar, está implícito o partir. Opondo-se à noção de namoro, o “ficar” é visto como relação sem compromisso, sem promessas, momento de prazer, diversão, descontração. O caráter lúdico aparece através da imagem de *uma curtição de jovens (Fernanda, 14), um passatempo (Mônica, 18)*.

Dentro desta nova sensibilidade amorosa ou percepção afetiva, destaca-se o fenômeno de que parece haver uma ruptura entre compromisso e prazer (físico), que anteriormente diferenciava amizade e namoro. Hoje se pode “ficar” com um amigo (a) ou um estranho (a). A princípio, rompe-se aquela seqüência esperada de após um contato mais íntimo, se considerar estar namorando. É desta liberdade que os jovens falam, poder conhecer várias pessoas em diferentes momentos vivenciando aprendizagens sobre o outro, com o outro e sobre si mesmos. Liberdade que, segundo Maffesoli (2001, p. 65), pode estar significando um nomadismo na prática afetiva, expresso pela necessidade de aventura, o prazer dos encontros efêmeros e o desejo de outro lugar. Gikovate chama atenção para esse caráter de algo descompromissado, desinteressado e sem nenhum intuito que não o prazer derivado das trocas de carícias, positivando um possível treino para a sexualidade e amor que o “ficar” parece estar se convertendo para os jovens (GIKOVATE, 2001, p. 149).

Este novo contexto de experimentação que é formado com o “ficar” parece ser considerado um avanço por eles mesmos:

*- considero uma evolução para os relacionamentos afetivos. Dá a chance de experimentar, sem obrigação de firmar compromisso (Adriana, 16); - acho que é uma das contribuições da minha época (Marcos, 23).*

Como mais uma forma de interação que tem marcado a diversidade de modos de vida e comportamento contemporâneos, o “ficar” vem representar a liberdade pessoal de uma época profundamente marcada por uma valorização da individualidade, da vida privada, da sociedade personalizada (LIPOVETSKY, 1983, p. 19).

Convertendo-se em pequenos ensaios de “como estar com o outro”, descobertas corporais, afetivas e sobre suas próprias auto-imagens fazem do “ficar” conforme eles mesmos concebem um *pré-vestibular* do amor. Ao ficar os jovens descobrem-se desejantes e desejados. A primeira “ficada” pode marcar a entrada para uma condição mais próxima do adulto. Bouer (2001,p.33) descreve que para os jovens hoje “o ficar vai até o ponto em que começaria uma relação sexual. Para eles abraçar, beijar, acariciar, tocar as partes íntimas e até praticar sexo oral são indicadores que gradua desde as ficadas mais tranquilas até as mais calientes”. Mas uma relação sexual completa, a princípio parece não fazer parte do repertório de experimentação do aprendizado sexual e emocional destes jovens quando se referem ao “ficar”.

O “ficar” tem sido compreendido como um preâmbulo do namoro, depois de uma ou mais “ficadas” os jovens passam a se conhecer mais e, até, podem desenvolver um relacionamento mais contínuo, que pelo compromisso e presença, passam a denominar namoro. Assim “ficar” pode ser visto por eles como

*- o início de tudo, primeiro você fica e quem sabe depois do ficar você pode ter uma relação mais séria (Ângela, 18); pode ser um bom começo para uma relação mais séria (Tiago, 17), - você fica para conhecer e se der certo você parte para um relacionamento sério (Taís, 15).*

Esta expectativa por vezes está presente nestas incursões amorosas, até porque eles também enunciam limites para essa prática:

*- acho legal, mas moderadamente, chega uma hora que cansa e você quer se envolver mais (Cíntia, 18); - legal, mas enjoa (Diego, 16); - acho bom às vezes, mas não saberia viver só de relacionamento superficial (Juliana, 16).*

Junto ao desejo de vivenciar o momento, sonhos e expectativas de um imaginário de longa duração e que faz parte das sensibilidades românticas estão presentes, quando sabem não estar isentos do risco de apaixonar-se.

Se por alguns o “ficar” é considerado um avanço, outros apresentam críticas para essa forma de interação:

*- é a minha realidade, fica difícil de fugir dela, mas foi a partir disso que muitos sentimentos se tornaram escassos (Carolina, 17); - acho ruim, pois não existe respeito, nem sentimento (Tadeu, 21); - eu particularmente não gosto. Para uma pessoa entrar na intimidade, você precisa conhecê-la melhor (Roberta, 17); - acho uma coisa sem sentido, para pessoas carentes ou que querem se provar ou se gabar por ter ficado com alguém. Posso ficar com uma beijando outra (Mateus, 17); - é um saco as pessoas só se usam, na maioria das vezes não surge nada mais (Carine, 14); - penso que é um ato feito por pessoas com medo de se relacionar a sério. Não gosto desse conceito (Sandro, 19).*

Receios pela banalidade do uso do corpo e do envolvimento de sentimentos revelam dúvidas sobre os atuais caminhos da liberdade, trazem uma preocupação sobre a qualidade dos relacionamentos, quando a possibilidade e o estímulo pela fruição máxima da vida estão tornando-se um novo imperativo social, imprimindo uma nova imagem das relações amorosas como passageiras, transitórias.

Tal imagem gera resistências diante de um passado tão recente em que valores de preservação e manutenção das relações amorosas sustentavam um imaginário de *até que a morte nos separe*. A ambivalência entre a segurança do passado e a incerteza do futuro surge em nossas relações amorosas como reflexo de nossa mudança mais ampla de paradigmas que a contemporaneidade vêm apresentando: queremos e não queremos mudar. Que bom poder ser só agora...Que bom poder ser para sempre Os desejos de provar, experimentar e ensaiar vem acompanhados do desejo de não se ferir, não se machucar emocionalmente. Novas posturas diante da sexualidade desejam romper com modelos hierarquizados e culpabilizantes, mas mantém, ainda, muitas vezes, a sombra de uma imagem de transgressão. A fronteira entre responder a seus desejos e se sentir usado como um objeto é, por vezes, muito tênue.

Muitas respostas demonstram que limites e critérios acompanham o significado do “ficar”:

*- é aproveitar uma parte da vida, mas se vale a pena, se você gostar do guri (Daiane, 14); - acho legal, mas só se houver alguma coisa entre os dois (Jéferson, 16); - não é apenas beijar e sair fora. Tem que ser uma coisa legal, que os dois estejam a fim...(Mara, 14); - muito massa, mas quando não se está comprometido (Daniela, 16); - desde que haja verdade (Luis, 16); - muito bom, mas tem seus limites como não extrapolar na primeira ficada (Rita, 17); - agora é moda, mas eu acho errado ficar por ficar, acho que deve rolar algum sentimento*

*entre ambos (Simone, 15); - é muito bom, mas não é pra ficar com todo mundo pra não ficar falada (Mariana, 18).*

Colocar o afeto como condição; identificar o “ficar” como um ato de parceria em que os dois partilham uma ética; assegurar um “ficar” livre, desimpedido, que não signifique estar “traindo” alguém; dar a essa vivência um caráter de “verdade”; estabelecer limites na “primeira ficada”, garantido uma intimidade controlada; reconhecer que há um controle social dos comportamentos em grupo e que há que se preservar uma “imagem” neste grupo. Estas e outras preocupações mostram que o “ficar” não é supostamente uma vivência solta, a deriva no jogo social, mas sim, mais um espaço no qual antigas e novas regras sociais são legitimadas e contestadas simultaneamente, numa coexistência negociada de valores identificados como antigos e novos.

Bouer (2001), ao intitular seu artigo sobre o “ficar” questiona: “Será que “ficar” é mesmo novidade?” Ao descrever que gerações anteriores também ficavam, mas nomeavam este ficar de outras formas (como curtir, dar uns amassos) o autor discute que as diferenças podem ser identificadas no alargamento dos limites, já que, há trinta, vinte anos atrás os hábitos e costumes eram outros. Por um processo crescente de flexibilização das questões que envolvem a sexualidade, assistimos, hoje, a uma maior rapidez de contato íntimo, supressão de certos rituais de aproximação entre os sexos que antes definiam o flertar. Tem-se a impressão que as relações afetivas estão acompanhando a velocidade que tem marcado os processos de produção e informação contemporâneos. Ao contrário das análises mais pessimistas que localizam aí mais uma dimensão do consumo e das relações descartáveis não seria o caso de perguntar: a que novas relações com o tempo estamos respondendo? Estaremos aprendendo a vivenciar o momento presente nas relações amorosas, mais livres das diretrizes de futuro que a partir da modernidade tem nos impelido a conjugar verbos como projetar, planejar, prometer?

O “ficar” como espaço de aprendizagem emocional tem proporcionado que jovens comecem a lidar com situações que envolvem desejos, emoções, crenças, medos, regras, limites. Não sem conflitos. Exercitar a tolerância com o outro, impor limite ao outro, conceder ao outro. Como espaço de escolhas, “ficar” pode ser, tecer um momento juntos, legitimar um desejo juntos, criar uma possibilidade de parceria compartilhada. Serão novas conquistas? Iniciar a sexualidade num mesmo momento, com pares de idades semelhantes, aí parece que podemos detectar um momento novo. Descubrirem-se juntos. Um clima igualitário parece estar pairando no ar. Diferentes enquanto singulares, mas iguais porque indivíduos. Talvez aqui, possamos estar assistindo um embrião de relações mais igualitárias entre os sexos. São pequenas ações cotidianas destes jovens que podem estar sinalizando mudanças de uma época. Marca geracional? Respostas a novas necessidades criadas historicamente? Quem sabe uma possibilidade de vermos

imbricados um agir afetivo e um agir político, quando novas relações amorosas sinalizam, também, novas relações de poder entre os sexos.

## **5 Conformismos e rebeldias políticas: lutar contra e lutar com, as novas mundanidades**

Se no amor os jovens estão tecendo novas tramas de relações e sensibilidades, que tramas outras estarão sendo tecidas cotidianamente, na contemporaneidade, em relação à política? Que táticas, que estratégias e resistências estariam criando para marcar esta época? Podemos falar de um novo agir político?

Na atualidade podemos perceber a construção de um discurso a respeito da despolitização dos jovens. Desencantados, indiferentes, anestesiados, apáticos ou incapazes são alguns dos adjetivos utilizados nas chamadas da mídia para designar o lugar de estar dos jovens contemporâneos. Todavia, se considerarmos a falência das instituições tradicionais e apurarmos os sentidos para novas sensibilidades, poderemos observar que novos ruídos estão sendo orquestrados. Não sabemos, ao certo, detalhar que melodias são estas, mas sabemos que estamos ouvindo um novo ritmo, uma nova música que tenta marcar espaço junto à antiga melodia.

Apurando um pouco mais os sentidos, num tempo não muito distante, encontramos um grupo de jovens, criativos e rebeldes, que, com seus hábitos, sacudiam as arcaicas estruturas das instituições brasileiras, isto em plena ditadura onde as idéias e atitudes eram tratadas com camisa de força. O cenário era a música, a proposta era a de quebrar regras, misturar estilos e incorporar, por exemplo, à MPB a linguagem pop, impregnada de psicodelismo. Naquele contexto, Caetano Veloso era um desses jovens rebeldes que balançava as instituições deste tempo, escandalizando, com sua atitude, a tradicional sociedade brasileira e dizia estar pouco se lixando para a ditadura e para aquele governo panóptico que sumiria com um grande número dos “rebeldes” daquela geração. A arma que empunhava era simbólica, mas tão poderosa como um AR-15. Caetano fazia músicas politizadas, inaugurando um tempo que ficou conhecido na Música Popular Brasileira como Tropicália. Estávamos ouvindo que era “proibido proibir”. Com ele seguiriam outros “rebeldes”: Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Chico Buarque, Jorge Ben, Moraes Moreira... Estes eram os nossos rebeldes que tentavam reinventar uma sociedade adequada a seus princípios de “paz e amor”. Fora da zona urbana, criavam os filhos e faziam música. Entre uma baforada e outra de *cannabis*, plantavam e colhiam seus alimentos. Na falta de um lugar ideal na sociedade que estava posta, a alternativa que viabilizaram foi a de inventar um novo lugar fora deste lugar. Criavam, assim, as comunidades alternativas, unidos aos fios de uma utopia de vida comunitária como as que vigorava na primeira metade do século XIX.

No início dos anos de 1980 vieram novos rebeldes denominados "punks". Eles possuíam toda uma elaboração no estilo de vestir, de postura perante a vida, uma “agressividade real e simbólica do seu comportamento, pela negatividade de suas representações do presente e do futuro” (ABRAMO, 1994, p. xi) O aparecimento dos “punks” parece ter sido um fenômeno característico do universo juvenil da penúltima década, constituindo-se como marca de uma geração. No entanto, sem compreender a elevada dose de pessimismo em relação ao seu tempo e sociedade e nem mesmo encontrar aí uma leitura política, a mídia classificava como puro "modismo" ou então como, “expressões de um protesto cético, de jovens ‘desencantados’ com as questões e com os rumos da sociedade”. (ABRAMO, 1994, p. xii).

Entretanto, o ponto de referência comum às interpretações estaria sendo fixado no contraste dos anos sessenta do século vinte. Isto é, levando em consideração os movimentos juvenis dos anos de 1960, as manifestações dos anos de 1980 apareciam “como significativas de uma juventude carente de idealismo e de empenho ou de qualquer outro interesse por questões públicas e coletivas” (ABRAMO, 1994, p.xii).

Após estas estéticas, surgiram outros grupos como os "darks", "skinheds", "rastafaris" e "rappers" que foram se constituindo no imaginário do adulto de seu tempo como uma geração de “incapazes”. Negando as expectativas das gerações que os precederam, estes que poderiam ser “formuladores de propostas para a transformação social”, teriam permanecido na “indiferença”. Os "punks" eram tidos *como* “revoltados contra o sistema”, jovens agressivos e que apresentavam uma perspectiva de futuro extremamente sombria. O que realmente ficou nas percepções e análises políticas no imaginário destas gerações mais velhas é que aos jovens cabiam dois papéis fundamentais: o de “agente transformador da sociedade e o de propositor de mudanças” (ABRAMO; 1994, p. xii). Inevitavelmente, houve cobranças, por parte das gerações de 1960/1970, de que estes grupos teriam traído os sonhos revolucionários das antigas gerações. Neste sentido, é interessante perceber toda a ordem de expectativas que acompanharia, a partir de então, o imaginário dos adultos sobre os jovens. No livro "Ideais da Adolescência”, Matheus (2002, p. 164) discute sobre esta perspectiva que vê o jovem como “uma esperança de levar adiante o ideal não realizado do adulto”. Nesse momento, “o adulto vê no jovem a sua própria morte, a finitude de seus anseios e daquilo que não pôde realizar”. Concordando com Abramo, aquela concepção percebe os jovens como uma esperança de futuro, esquecendo das singularidades que marcam o tempo de determinadas gerações. Por sua vez, marcar as singularidades parece ser o objetivo maior dos jovens, por isso, provavelmente surge a necessidade de negar ou deixar de abraçar as causas das gerações que os precederam.

Os jovens dos anos de 1960 foram os que marcaram definitivamente o seu lugar na história moderna como “transviados”, rebeldes e extremamente politizados. No Brasil, esta era

uma geração que tinha muitos bons motivos para lutar por mudanças. E lutaram, até que o AI-5 pôs fim aos sonhos acalentados. O governo militar prendeu, torturou e matou não só os sonhos de milhares de jovens, mas muitos deles.

A partir de então, as gerações que os sucederam, inevitavelmente, passaram a ser comparadas e cobradas por uma atitude mais política. Entretanto, esta prática se perdeu no vazio. Das gerações anteriores, parece que ficou um lamento nostálgico “pela grandeza perdida. É como se dissessem: se não podemos ficar à altura da imagem de nós, da época de nossa grandeza, realmente não vale a pena fazer nada” (ELIAS, 2000 p. 45). Entretanto, este campo simbólico do agir político, cada vez mais, tem se tornando abstrato e invisível. Os jovens desta geração não se sentem responsáveis em prosseguir com as lutas das gerações anteriores. Houve uma desubstancialização, uma fragmentação das instituições tradicionais. Eles parecem não mais identificar o “inimigo”. Na contemporaneidade, rompe-se a fronteira entre mocinhos e bandidos e todos se tornam cúmplices. Como resistir, ou lutar? Contra o que, de onde vem e para quê, não se sabe.

Pois foi o que aconteceu com as gerações da contemporaneidade, se negaram a ser herdeiros das utopias das gerações que os antecederam. Talvez tudo lhes parecesse “sem um lugar real” (FOUCAULT, 2001 p. 414). Romperam com estas obrigações e com as normas prescritas. A rebeldia muda, aos poucos, de configuração. Que significados poderíamos atribuir para aquilo que os adultos chamam de conformismo, mas que os jovens, freqüentemente, consideravam, e ainda consideram, com uma forma, ao seu próprio modo, de rebeldia.

Apesar das tensões entre as gerações, os jovens deste tempo parecem não carregar consigo obrigações que não lhes pertencem. Não se sentem culpados ou obrigados a defenderem as antigas *causas*. Assim sendo, para eles, os significados de rebeldias poderiam, por exemplo, ser simplesmente *ir contra as regras* como diz Carlos de 19 anos, ou como Mônica de 16 anos, *uma forma de mostrar a todos a sua raiva da vida*. Ou uma maneira de *radicalizar* como escreve Rodrigo, 16 anos. Renata, que também tem 16 anos, sugere “o rebelde” *como alguém que discorda dos padrões*.

Percebe-se, nestas respostas, uma necessidade de se colocar contra, fora do lugar ou discordar do que foi proposto ou apenas uma forma de se colocar distante do lugar estabelecido: *Fazer algo contra os pais, as pessoas que gosto, sem motivo algum, sem razão nenhuma. Fazer algo que não estamos habituados* (Pedro, 17 anos). Fazer algumas coisas contra a família, contra os padrões, querer chamar a atenção ou quebrar as regras é o máximo que estes jovens pesquisados citaram para definir rebeldias. Como *uma pessoa que não aceita as regras da sociedade* complementa, Rafaela de 18 anos. *Mas rebelde também pode ser eu e minha avó materna, “tipo” nós fugimos do convencional. Não fazemos refeições nos horários* relata Carla

de 18 anos, demonstrando que a rebeldia mudou de endereço. Ao invés das grandes bandeiras, ela pode estar morando nas pequenas coisas do cotidiano e mesmo nas formas mais privadas, domésticas e singulares. Nestes casos a rebeldia não está ligada à militância ou à radicalização de alguma causa pública, mas parece estar ligada ao desejo de fazer diferente.

José Carlos, de 16 anos, citou alguns nomes de homens que se destacaram por suas histórias de rebeldia, dentre estes estariam: Ghandi, Lamarca, Lampião, Zumbi, Fidel Castro, Bin Laden, Mandela, Enéas, Hitler, Getúlio Vargas, Mussolini, Jonh Lennon, Chê Guevara. *Também* podem ser *os homens-bombas que se matam em nome de Deus*, pensa Fabiana de 18 anos. Aqui, não fica claro onde estão cada um destes "rebeldes" citados por José Carlos e Fabiana. Para eles todos são rebeldes. Eles não sentem a necessidade de colocá-los nesta ou naquela lista maniqueísta, ou seja, do lado dos bons ou dos maus, como frequentemente poderíamos fazer, para eles, isto não tem a menor importância, não entra nesta discussão. Ou, ao menos, não pelo ângulo da qual estamos acostumados a enxergar.

Mas escolhemos, especialmente, duas respostas que parecem caracterizar o imaginário político atual. A primeira escrita por Silvio de 19 anos diz que não sabe *quem é rebelde, simplesmente, porque essa época já passou*. E a de Nelson, 22 anos, que diz que não *sabe*, quem são os rebeldes, *pois não costuma julgar as pessoas*. Silvio e Nelson mostram uma certa indiferença em determinar um lugar para rebeldia. Parecem, também, demonstrar uma certa tolerância em relação aos comportamentos sociais. Parecem dizer: olha vocês não acham que existem outros critérios e possibilidades para pensar a si e ao mundo que não seja pela contraposição?

Por sua vez, a mídia e a moda estão interessadas neste lugar de contestação e rebeldia e sempre que podem incentivam este *ser e estar*. A moda copia as linguagens dos jovens urbanos. Paradoxo das escolhas que os jovens desejam fazer é difícil inventar uma nova moda para atender as singularidades se as *griffes* às incorporam e os adultos, buscando a permanência de uma imagem jovem, passam a desejá-las. Nos critérios que se embaralham, a começar pelos gostos e aparências, em algumas famílias já não se sabe quem é a mãe ou quem é a filha. Júlio, 18 anos, por exemplo, declara que não tem nada de rebelde, pois *é muito certinho*. Mas diz que a sua mãe, sim, *é uma rebelde*. Ficamos pensando que mal sabe ele o quanto de rebelde tem em sua atitude já que vai contra as regras estabelecidas para este tempo glamouroso da juventude, em que é permitido e incentivado ser rebelde. Perguntamos então: que espaço sobra para estes jovens se rebelarem? Contra o quê ou quem? Se ao observarmos este exemplo de Júlio, percebemos que a mãe sim, é quem ocupa este papel.

Já em relação ao que se considera como conformados, estes são aqueles que diante da morte não sabem o que fazer. Léo de 19 anos compara os conformados com "*mosca-morta*",

*aceitam tudo sem discutir. Ou pessoas, na concepção de Rita, 16 anos, que insistem em perpetuar valores sociais desnecessários. Rodrigo, 17 anos, escreve que fica conformado, quando recebe o boletim escolar. Quando pedimos para ele justificar a sua resposta ele acrescenta um: He!he!he! Como quem diz: precisa mesmo? Bruna com 16 anos identifica conformismo com passividade, obediência. Mas pode ser também uma pessoa alienada ou apenas uma pessoa que não quer fazer nada, não quer se incomodar.*

Nestas "leituras" podemos perceber que eles reconhecem exatamente o que atribuem como significados para conformismos. Utilizam palavras como passividade, falta de ideal, de consciência, obediência, alienação, não fazer nada, aceitar tudo ou falta de mobilização, para dar outros significados aos conformados. Entretanto, raras foram às vezes que se colocaram neste lugar, indicando pais, mães ou irmãos como conformistas. Por exemplo, a resposta de Lucas, 16 anos: *Minha mãe é conformada, ela não faz nada. Diz ainda que os conformistas são pessoas sem ideais fixos e, geralmente, são manipuladas como fantoches.*

Porém, o maior número de respostas que envolvem o sentimento de não poder fazer nada e apenas se conformar, é quando os jovens tratam da escola e da morte. Diante da impossibilidade de mudar o que está posto, diante da impotência perante a morte, diante dos argumentos das instituições que delegam uma importância brutal à escola, diante da necessidade de se preparar para este *vir a ser* adulto, Márcio, 17 anos, complementa com uma frase carregada de significado e realismo: *se não posso mudar o mundo sozinho, fazer o quê?*

Se, no início dos anos de 1980, a juventude acreditava em utopias, num modelo ideal de sociedade, de crianças, de jovens, de velhos, hoje parece que esta crença não se mantém. Parece que o sonho acabou. A geração que a sucedeu não quer utopias, ou uma imagem ideal, não quer ser só herói, tão pouco só bandido, postura percebida como

uma aguda localização na realidade uma sensibilidade aguçada aos problemas de sua época, e por um descrédito nas respostas produzidas pela geração anterior. Esses jovens sentem a necessidade de se localizar, radicalmente, no cenário da contemporaneidade, para entendê-la, e se entender. (ABRAMO, 1994, p. 154)

Se entender, e entendê-la, sob o seu ponto de vista, a partir das suas sensibilidades e das suas necessidades, não necessariamente através da militância em relação a grandes bandeiras partidárias ou institucionais, até porque o que quer que façam ou digam “permanece sem importância ou conseqüência para os outros e o que tem importância para ele é desprovido de importância para os outros” (ARENDR, 1995, p. 68).

A decisão pelo silêncio, no campo político, pode ser a indiferença, mas não a ignorância, como alguns querem afirmar. Os jovens estão indiferentes sim, aos velhos *habitus* dos políticos e da política, estão indiferentes sim, ao discurso vazio que soa sem significado. Em diferentes

temporalidades podemos ver o político centrado ou na pólis ou no Estado, no entanto, na contemporaneidade, talvez esteja distribuído numa cambiança mundana, de novas sensibilidades, inovações, para assim pensar outras novas possibilidades.

Se nos anos de 1960 era necessário buscar o paraíso ou o "Jardim do Éden" em lugares alternativos, longe das origens, os jovens deste tempo, parecem não ter esta necessidade, pois reinventam novos lugares neste lugar, ficam horas viajando pela internet, ultrapassando fronteiras virtualmente, reconhecendo outros territórios, diferentes culturas o que de certa forma "significa que o território não é mais um fim em si, não é suficiente para si mesmo sob pena, justamente, de provocar o fechamento"(MAFESSOLI, 2001, p. 88).

Jovens pesquisados nos anos de 1990, já indicavam um novo lugar que não era o de serem reconhecidos como "um elo entre a memória e o esquecimento" fazendo uma ponte entre militantes de ontem e os jovens de hoje (SOUZA,1999, p. 202). Hoje eles sabem que não estão atrelados a nenhuma obrigação institucional, amorosa, sexual, profissional, partidária ou qualquer outra. Podem transitar por todas ou por nenhuma em seus contatos com o mundo que transcende a sua vida privada, sabem se deslocar, sobretudo virtualmente em busca de outros contatos, "numa viagem imóvel" (MAFESSOLI, 2001 p. 99). Isto os obrigou a desenvolver uma sensibilidade, uma tolerância, uma flexibilidade maior para inventar e se reinventar. De partidos a galeras, chegamos, agora, às redes conectadas em tempo real.

Construção de nova pólis, novos espaços e lugares para além de si. Seria esta uma busca de um interespaço? Brecha encontrada para se colocar num novo lugar, uma nova maneira de fazer e estar nas relações políticas? Poderia ser um exercício de (re-) traçar e (re-) inventar o político através da amizade, da arte, do esporte, da sexualidade? Na leitura dos questionários, encontramos alguns ruídos, algumas inquietações que poderiam nos levar a outros lugares possíveis. Ou o que dizer, o que pensar sobre o tempo que passam na *internet*, nos "chats" e no ICQ? O que representam os grafites urbanos e os cyber ativismos?

Um primeiro aspecto desta questão, pode ser observado quanto à amizade, pois, pode ser uma destas novas invenções para pensar a política. Fica evidente como os jovens gostam de *estar com os amigos*. *A galera é a minha segunda família*, diz Camila de 22 anos. Marco de 16 anos considera a amizade como *algo essencial na vida de uma pessoa*. Vítor, 16 anos, diz que é *uma das melhores coisas que tem de graça na vida*. Ou como *se sentir bem com outras pessoas*, na concepção de Thais de 16 anos. *Estar com*, apesar de gostos opostos, de galeras diferentes em programas diversificados. Os jovens de hoje possuem vários grupos de amigos e transitam por muitos espaços. Nestes espaços, há um certo código de tolerância, cujas regras tem validade no âmbito de certos grupos, mas não em todos. Como no pensamento de "Derrida temos uma nova ordem de fraternidade" (ORTEGA, 2000, p.67), ou, nos dizeres de Francisco Ortega, um discurso

filosófico de amizade que se contrapõe ao de fraternidade, pois esta pode ser muito destrutiva. Em nome das fraternidades que são declaradas as guerras. Não acredita em ligação entre amizade, fraternidade com democracia, seu desejo é apresentar “uma nova política da amizade” – Ou seja, uma *nova* amizade, uma *nova* fraternidade, uma *nova* democracia. Os jovens já sacaram isto.

Entretanto, observando o contexto cultural num novo aspecto, por exemplo, o estilo musical “rap” pode ser pensado dentro destas novas possibilidades. O “rapper” Charlie Brown Jr. diz que não faz música e, sim, terrorismo. Denuncia a realidade política das galeras das periferias sem pensar em atentados ou seqüestros de embaixadores. As armas de “mano” Brown são as letras carregadas de realidade num ritmo repetitivo de rimas cruas, num vai e vem que faz uma mistura de advertência e acusação, que “não autoriza nem alegria nem sensualidade” (KHEL, 2000, p. 209). “Mano” Brown não faz só música, faz política *com* música.

Há ainda, dentro das novas metáforas contemporâneas, na linguagem do esporte, o *surf* que também pode ser pensado desta maneira. “Ao surfar, o surfista esta com o mar, sem tentar se apoderar, se agarrar a ele ou de submeter a seus movimento” (SANT’ANNA, 2001 p. 98). Ao surfar, os surfistas ficam *com* as pranchas, *com* as ondas, *com* o mar. O surfista não luta contra as ondas, ele vai *com* a onda.

Por fim, podemos supor um tempo de novos espaços ou um novo território amoroso e político onde ao invés de utopias, estaria a busca de outras apostas, para significar o estar neste tempo, rejeitando as tradições, as comparações, os legados.

Estamos em uma época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo, do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta (...) como uma rede que liga pontos e que entrecruza sua trama (FOUCAULT, 2001 p. 411).

Talvez sejam novas tramas que ainda não conseguimos visualizar nitidamente e que levam a novas heterotopias.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Foucault chamou de heterotopias espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, são a oposição das utopias. Ler mais a respeito no livro organizado por Manoel Barros da Motta; Michel Foucault. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411.

## Referências bibliográficas

- ABRAMO, H.W. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ARENDT, A. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BACZKO, B. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaldi, s.1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985
- BOUER, J. Será que ficar é mesmo novidade? In: \_\_\_\_\_. *Veja Jovens*. São Paulo, Setembro, 2001.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHAVES, J. “Ficar com” um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L.. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FOUCAULT, M.. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GUATARRI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*. Cartografias do Desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GIKOVATE, F. *A Libertação Sexual: rompendo o elo entre o sexo, o poder e a agressividade*. São Paulo: Summus, 2000.
- KEHL, M. R. *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'água, 1983.
- MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MATHEUS, T. C. *Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século*. São Paulo: Annablume: FAPESP. 2002.
- ORTEGA, F. *Para uma política da amizade*. Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000.
- PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada*. V.5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANT`ANNA, D.B. *Corpos de Passagem*: Ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SOUZA, J. T. P. *Reinvenções da utopia*: A militância política de jovens nos anos 90. São Paulo: FAPESP, 1999.

VAISTMAN, J. *Flexíveis e Plurais*: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.